

## **PROMOTORES DOS “BONS COSTUMES”: OS JORNAIS FORTALEZENSES E SEUS DISCURSOS COMPORTAMENTAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX (1910 – 1930).**

MARIA ADAIZA LIMA GOMES\*

Este trabalho apresenta como proposta analisar os discursos presentes nos jornais fortalezenses nas décadas de 10 e de 20 do século XX, procurando perceber de que modo estes eram utilizados, pelos grupos que os promoviam, tais como membros de uma elite intelectual, como estratégia de controle social e instrumento de disciplinarização da população, nesse período em que a cidade passava por grandes transformações econômicas e sociais, em que ocorreram tentativas de modernização e de civilização da cidade, por parte das elites locais e dos poderes públicos. Estes buscavam uma remodelação do espaço urbano e o controle e o disciplinamento dos hábitos da população, tentando adequá-los ao espaço urbano remodelado. A partir daí, condutas vistas por estes grupos como transgressoras, por não se alinharem à civilização por eles pretendida, passaram a serem combatidas. Acreditamos que esses periódicos, com sua possibilidade de disseminação de ideias, pensamentos, interesses e valores, funcionavam como instrumento e estratégia de controle social apropriado por grupos de elite, como um dos meios de combater os comportamentos tidos por estes como indesejados, principalmente os das camadas mais populares da população.

Nossa pesquisa ainda se encontra em sua fase inicial, por isso apresentaremos aqui apenas conclusões preliminares, visto que ainda temos muito o que estudar sobre o tema. Ela é resultado de um projeto pesquisa de mestrado que tem como objetivo, analisar os discursos publicados nos jornais fortalezenses nas décadas iniciais do século XX para, conseqüentemente, perceber sua de que maneira eram utilizados como ferramenta veiculadora de um discurso disciplinador que visava à formação de uma sociedade alinhada com a modernidade que as elites e os poderes públicos pretendiam. Para isso, buscaremos compreender as estratégias e práticas discursivas dos jornais fortalezenses para a construção de um padrão de comportamento civilizado na cidade de Fortaleza, no período estudado e, ainda, analisar de que modo os jornais procuravam combater às práticas tidas como transgressoras, imorais e “incivilizadas” naquele momento histórico.

---

\*Mestranda em História na Universidade Estadual do Ceará.

Quando falamos sobre Fortaleza entre as últimas décadas do século XIX e as que iniciam o século XX, uma das principais referências a ser citada é o historiador Sebastião Rogério Ponte (PONTE, 1993). Ao analisar Fortaleza neste período, o autor constata uma série de transformações pelas quais passam a cidade e seus habitantes que resultaram de intervenções urbanas e sociais, na tentativa de instaurar o progresso e a modernidade.

Segundo o autor, o período que vai do final do século XIX ao começo do século XX, pode ser apontado como um período de muitas transformações pelas quais passaram os centros urbanos brasileiros. Tais transformações advindas de fatos como a proclamação da República, a abolição da escravidão e sua substituição pelo trabalho livre e assalariado. Com isso, vieram mudanças estruturais nas cidades. Assim como mudanças políticas, econômicas e culturais.

Começavam então, nas principais cidades brasileiras, reformas urbanas e sociais, resultantes dos anseios por modernização aos moldes europeus, por parte de grupos em ascensão, como os ligados ao setor comercial, fortalecidos pelos negócios de importação e exportação, e profissionais liberais, tais como médicos, engenheiros, e demais doutores formados em academias de ensino superior, fundadas no Brasil na época (Ibidem, s/p).

Ponte (Ibidem, s/p) nos diz que, nesse contexto, aconteceu um processo de disciplinarização da população, tentado um reajustamento social em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e, com menor intensidade, em Fortaleza. Esse interesse na remodelação haveria se intensificado com a chegada do regime republicano. Esse novo regime significaria o progresso rumo a um país “moderno” e “civilizado”. Assim, em Fortaleza, a partir da segunda metade do século XIX, com maior intensidade na Primeira República, haveriam ocorrido tentativas de modernização e civilização da cidade.

Com o fim da disputa pela sede da província em 1860, quando Fortaleza se torna definitivamente a capital do Ceará, e com o desenvolvimento e a expansão da produção algodoeira cearense, durante a Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1861/1870), a cidade começa a se modernizar, começando o processo que faria com que se desenvolvesse economicamente e se tornasse o principal núcleo urbano do Ceará. A partir dessas mudanças começaram as modificações na infraestrutura da cidade, como é o caso da instalação da iluminação a gás e da elaboração da “Planta Tipográfica de Fortaleza e Subúrbios” pelo engenheiro e arquiteto Adolfo Herbster, em 1875. Porém, para que Fortaleza fosse uma

cidade “moderna” e “civilizada”, era preciso, na perspectiva das elites, também modificar os hábitos de sua população.

Ao mesmo tempo em que se procurava remodelar o espaço público, tinha-se também a intenção de adequar o comportamento da população a esse espaço remodelado. Procurou-se inserir na cidade novos hábitos, cuidados higiênicos e produtividade e interesse para o trabalho. A partir de então, todos os comportamentos que não estivessem nesses moldes, passaram a ser considerados obstáculos para a inserção do progresso na cidade.

No começo do século XX, então, de acordo com a obra de Ponte (Ibidem), se percebe uma grande preocupação com o comportamento dos indivíduos que viviam em Fortaleza. Intensifica-se, principalmente nos jornais, uma série de problematizações em torno da cidade e de seus habitantes. Palavras como higienizar, sanear, medicalizar e disciplinar são ressignificadas e utilizadas na construção de um discurso que busca a construção de uma cidade saudável e civilizada.

Escolhemos os jornais como objeto de nossa pesquisa pelo fato de acreditarmos na sua importância como fonte de investigação e de análise crítica, visto que estes podem ser formadores de opinião e têm um grande poder de difusão de ideias, podendo intervir na vida cotidiana dos seus leitores. Segundo Gabriel Tarde, ao falar dos publicistas: “Estes, bem mais que os homens de Estado, mesmos superiores, fazem a opinião e conduzem o mundo” (TARDE, 1992: 44). Concordamos com a opinião do autor a respeito do poder da imprensa de formação de opinião e de manipulação de ideias.

De acordo com Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado:

*A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político social na qual se insere (CAPELATO e PRADO, 1980: XIX).*

Concordando com a perspectiva citada acima, acreditamos que historicizar os periódicos requer levar em consideração suas condições de produção, problematizando os interesses dos grupos editoriais por eles responsáveis e até mesmo de seus leitores. Pois,

mesmo que se pense serem neutros, os jornais carregam com eles muitos dos valores, ideias, crenças e intenções de quem os escreveu, podendo se estender para quem os lê.

A escolha do recorte temporal para nossa pesquisa se justifica por nossa percepção de grande quantidade, quase que diariamente, de discursos que procuravam disciplinar a população de Fortaleza, presentes tanto em notícias como em artigos, queixas e denúncias presentes nos jornais nas três primeiras décadas do século XX. Porém percebemos uma dificuldade de acesso a fontes referentes à década de 1900, e uma maior facilidade para acessar as fontes das duas décadas seguintes. Então, devido à falta de fontes referentes a essa primeira década do século XX, até o momento, optamos por abordar somente os periódicos publicados nas décadas de 1910 e 1920. Como recorte final, escolhemos o ano de 1930 por acreditarmos que na década que se iniciava, com a chegada de Vargas ao poder, começava uma nova fase política no Brasil e, conseqüentemente, começavam novas preocupações, novas políticas e novas regras de condutas.

A ideia deste trabalho é resultado de certo tempo de estudo sobre este período na produção de uma monografia de graduação que buscava discutir e analisar a prática dos jogos de azar em Fortaleza no começo do século XX. Buscando entender os significados que o jogo de azar tinha para aquela sociedade e conseqüentemente, compreender sua difusão no período, optamos pelos jornais como fonte principal de pesquisa. A partir de nossas análises, percebemos a função exercida pelos periódicos naquele período. Neles estavam presentes com muita frequência os temas progresso, ordem, civilização e moral. Pensamos que a presença destes temas não era por acaso e que estes jornais tentavam reprimir não só a prática dos jogos de azar, mas outras condutas consideradas pelas elites e pelos poderes públicos como transgressoras, tais como a prostituição, o consumo de bebidas alcoólicas e a vadiagem no geral.

Entendemos os jornais, como já falamos anteriormente, como um instrumento de manipulação de opiniões e de propagação de ideias, podendo influenciar na vida de quem ele fala, de quem o produz e de quem o lê. Por esse motivo pretendemos, em nossa pesquisa, preencher uma lacuna que, na nossa visão, ainda não foi preenchida pela historiografia que trata sobre Fortaleza no período. Tendo em vista a falta de trabalhos que tratem como objeto os jornais da época, pretendemos, então, estudá-los.

Para realizar nosso trabalho, algumas fontes já foram selecionadas como sendo de grande proveito para o desenvolvimento da pesquisa. Acreditamos na viabilidade de seu andamento, devido às possibilidades de fontes levantadas até o momento. A tipologia de nossas fontes é basicamente a de escritos, mais especificamente, fontes impressas, no caso os jornais.

Pensando, de acordo com Le Goff, que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2003: 536), pretendemos lançar um olhar crítico sobre esse material o qual além de fonte será nosso objeto de pesquisa, pois a partir dessas publicações periódicas os acontecimentos da época eram transmitidos aos diversos setores da sociedade sob a visão do grupo responsável pela edição e impressão do periódico, assim como suas, ideias e valores.

Partindo dessa visão, procuraremos nos atentar para quais grupos eram responsáveis pelas publicações destes periódicos. Acreditamos que grupos que faziam parte de uma elite intelectual estavam por trás desses periódicos e se utilizavam deles como ferramenta para fazer circular suas ideias, com isso procurando disseminar sua cultura e conseguindo apoio para a defesa de seu ponto de vista.

Entendemos os jornais publicados em Fortaleza no começo do século XX, os quais pretendemos analisar, como uma estratégia utilizada, pelos grupos a eles vinculados, de disseminar discursos disciplinadores na cidade de Fortaleza. Com estes discursos, procurava-se fazer com que ela se tornasse uma cidade civilizada.

Quando pensamos na ideia de “civilização”, pensamos a partir da perspectiva de Norbert Elias (ELIAS, 1993). Este em sua obra reflete sobre o “processo civilizador” nas sociedades ocidentais. Suas reflexões nos são úteis na medida em que nos facilita a compreensão do que seria civilização e do que seria uma atitude não civilizada.

Segundo o autor, aconteceu, nas civilizações ocidentais modernas, um processo que resultou na transformação das condutas e dos sentimentos humanos, onde estes foram modelados. A esta transformação o autor denominou “processo civilizador”. Ela haveria ocorrido como consequência de três fatores em conjunto: a organização da sociedade em forma de “Estados”; a centralização dos impostos e a monopolização da força física. Ela haveria ocorrido através de um processo onde os planos e as ações das pessoas isoladas no

passado se entrelaçaram e resultaram em mudanças que nenhuma dessas pessoas planejou isoladamente. Por esse motivo, a civilização não haveria ocorrido de maneira racional, mesmo assim, teria ocorrido de maneira organizada, tendo, como consequência, uma dinâmica social onde as atitudes humanas mais irracionais se converteram em sentimentos de vergonha. Isso fez com que surgisse um controle social onde o indivíduo deveria controlar ao máximo suas pulsões. Dessa pressão externa, surge, então, uma pressão interna – o autocontrole – onde o indivíduo busca conter seus impulsos e suas emoções. Daí a civilização pode ser percebida como um longo processo onde ocorre a modelagem dos comportamentos humanos.

Entendendo o que pode ser visto como civilização, podemos entender o que não pode ser visto como civilização. Todos os atos em que não se há um planejamento pensando no progresso, em que se age de acordo com as emoções em que não se controlam os impulsos, são considerados, assim, não civilizados.

Pensando na ideia de civilização no caso de Fortaleza no período aqui analisado, podemos perceber que, com o desenvolvimento da cidade, e a criação de novos locais de sociabilidade, novos meios de trabalho e, conseqüentemente, uma divisão mais complexa de funções dentro daquela sociedade, foi imposta uma modelação dos comportamentos dos indivíduos. A estes é imposta uma conduta adequada à civilização que se pretende inserir na cidade. Por exemplo, o indivíduo acostumado a hábitos não higiênicos, como jogar o lixo ou urinar nas ruas, agora se vê induzido a não mais praticar esse hábito. Assim como estes hábitos, vários outros que antes poderiam ser praticados, agora devem ser evitados, pois são tidos como “incivilizados”.

Pensando os discursos dos jornais como meio de divulgar essa civilização, percebemos a necessidade de definir e conceituar o que entendemos como “discurso”.

*O discurso pode ser definido de diferentes modos – como sinônimo de fala (uso contingente da língua) em oposição à língua (sistema estruturado de signos); como unidade linguística maior do que a frase – torna-se sinônimo de mensagem ou enunciado; como conjunto das regras de encadeamento das frases ou de grupos de frases que compõem um enunciado; ou como um enunciado visto a partir das condições de produção – linguísticas e sociais – que o geraram (CARDOSO E VAINFAS, 1997: 337).*

De acordo com os autores citados, o discurso pode ser definido de diferentes formas. Porém a definição que mais se aproxima da maneira a qual entendemos os discursos dos periódicos analisados é a última citada. O discurso, então é um enunciado. Porém, os significados contidos nele são gerados pelas condições de sua produção.

Complementando nossa perspectiva, Foucault nos ajuda a perceber os discursos como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. [...] É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” (FOUCAULT, 1986: 56).

Portanto, os discursos são práticas que possuem intencionalidades implícitas e o ponto de vista de quem os produziu. Eles contêm significados e são construídos com objetivo de formar visões sobre os objetos de que falam. No caso analisado no presente trabalho, os discursos eram publicados com o objetivo de divulgar o ponto de vista de quem os produziu sobre o comportamento dos habitantes de Fortaleza. Era utilizado como estratégia de ordenamento social da população.

Sobre estratégia, Certeau nos ajuda a compreendê-la como:

*[...] o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. (CERTEAU, 1994: 99, 102).*

Dessa maneira, percebemos que os grupos que produziam os periódicos se utilizavam da imprensa para disseminar seu discurso na sociedade fortalezense, buscando torná-la uma sociedade ordenada, civilizada e alinhada aos seus ideais de modernidade.

Estes são alguns conceitos os quais podem nos ajudar a realizar nossas análises. No entanto, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, visões de outros autores, assim como outros conceitos poderão ser acrescentados, com o intuito de dar um maior embasamento teórico para o trabalho.

Nosso trabalho se iniciou com a fase de compilação das fontes. Começamos com uma pré-seleção, a partir do catálogo de jornais microfilmados da hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e do acervo de periódicos do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará, dos jornais que poderiam ser pesquisados tendo como único critério o de terem sido publicados em Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. Porém, decidimos por escolher alguns dos jornais de maior circulação na cidade.

No intuito de analisar melhor os fatos, cruzando grande número de informações, vindas de fontes diversas, para melhor compreender nosso objeto e o momento histórico o qual pretendemos analisar, temos em vista, no momento, a abordagem de quatro jornais, que serão reavaliados posteriormente. Uma de nossas principais escolhas é o jornal “O Nordeste”<sup>1</sup>. Fundado em 1922, criado por Dom Manoel da Silvaera um jornal conservador e pertencia ao Arcebispado, que era defensor do catolicismo cearense. Tinha espaço abeto às reclamações dos leitores a respeito de fatos ocorridos na cidade, no quadro intitulado “Queixas do Povo”. Porém em outros espaços do periódico poderiam ser encontradas reclamações da população. Outro espaço do jornal era o quadro reservado para a divulgação das ocorrências policiais, chamado “Com a polícia”, o qual pode ser visto como um reforço à opinião do jornal a respeito de comportamentos que transgrediam a ordem. A escolha deste jornal se justifica pela frequência de temas relacionados à ordem e às condutas da população em suas publicações, isso talvez ocorra devido a sua ligação com a Igreja Católica; por sua grande circulação na cidade; e também devido à facilidade encontrada para o acesso a estas publicações.

Buscando uma visão diferente da tida pela Igreja no período estudado, uma possibilidade é um jornal dos anos vinte, intitulado “O Ceará”, que também era de grande circulação em Fortaleza. Este fora fundado em 1925, sob a responsabilidade do Prof. Júlio de Matos Ibiapina e tinha circulação diária. Suas edições tinham de 10 a 12 páginas, que traziam muitos noticiários. Semelhante ao “O Nordeste”, este possuía um quadro destinado às “Queixas do Povo”, e outro destinado às ocorrências policiais, chamado “Na polícia e nas ruas”. Porém, ao contrário do “O Nordeste”, este se dizia anticlerical, mesmo assim, também defendia a ordem. A escolha deste jornal se deu exatamente porque mesmo tendo uma visão diferente do olhar da Igreja, ele possuía quadros semelhantes dos existente no “O Nordeste”.

---

<sup>1</sup> Fontes já coletadas do referido jornal de janeiro de 1922 a dezembro de 1927.

Escolhemos também o “Correio do Ceará”, mais um jornal de grande circulação na cidade. Este fora fundado em 1914. Sua escolha se justifica pela presença de um quadro chamado “Chronica da Cidade”, onde noticiava os fatos ocorridos em Fortaleza, geralmente sobre atentados à ordem, entre estes as ocorrências policiais, sempre deixando clara a sua opinião a respeito de tais fatos.

No “Gazeta de Notícias”, fundado em 1927, percebemos também a presença da preocupação em relação ao comportamento dos habitantes da cidade e sobre o qual buscaremos ainda mais informações.

As leituras das fontes, feitas até o momento, foram realizadas procurando-se atentar para questões relacionadas aos costumes, às ideias do bem e do mal, aos valores e às normas de comportamento, assim como a condutas transgressoras, que poderiam ser encontradas nos periódicos para, mais tarde, serem analisadas e discutidas.

Estas são as fontes levantadas para a pesquisa até o momento, no entanto, com o andamento da pesquisa algumas poderão ser retiradas e outras poderão ser incorporadas ao trabalho contribuindo para uma melhor discussão dos objetivos propostos.

Segundo Marta Emísia Jacinto Barbosa (M. BARBOSA, 1996), nesse período a desordem, o crime e a delinquência passaram a ser discutidos com frequência na cidade. Porém todos apareciam como itens de um tema maior, que era a moral. A partir de discursos baseados na ideia de moral e que representavam a busca da ordem que deveria existir na cidade, foi-se delineando que tipo de comportamento o cidadão fortalezense deveria praticar, e daí listava-se uma série de comportamentos que não deveriam ser praticados, pois representavam atentados contra a ordem e a civilidade, tais como a vadiagem, incluindo aí a prostituição e vícios como a embriaguez. Comportamentos que, segundo a autora, representavam a desordem “invadindo” a cidade. Diz ainda que a ideia de moral foi, no período, um tema bastante discutido, principalmente nos jornais, onde era utilizada como argumento para modificar o comportamento das pessoas e demonstrava-se uma necessidade de ordenação da cidade, que parecia estar sem regras. As queixas nos jornais, então, demonstravam a preocupação que se tinha com alguns hábitos da população, que eram vistos como opostos à ordem.

Francisco Carlos Jacinto Barbosa (F. BARBOSA, 1997) nos diz que, mesmo com a remodelação da cidade, persistiam, porém, os hábitos considerados não civilizados. A

presença destas condutas transgressoras seria, na visão do autor, a força do hábito, já arraigado na população, que insistia em praticá-lo, visto que as reformas e o ordenamento eram imposições. Concordando com essa visão, Marta Emísia (M. BARBOSA, op. cit.), aponta para a existência do binômio ordem – moral em Fortaleza, fazendo aparecer, assim, outro: desordem – imoral. Diz que as regras impostas aos indivíduos que compunham a cidade demonstravam que, na realidade o que acontecia, na maioria das vezes, era o oposto do que se idealizava. Isso porque mesmo com todos os aparatos de disciplinarização, a população, principalmente os mais pobres, encontrava maneiras de continuar praticando suas atividades. Fortaleza, então, era uma cidade avessa do que era idealizado para ela, por isso a enorme preocupação com as condutas que transgrediam os padrões de cidade civilizada que ela deveria ser.

A Fortaleza falada nos jornais era uma cidade que se preocupava com os acontecimentos do dia-a-dia, com o comportamento das pessoas, com a vida da população e com sua intimidade. Os acontecimentos banais do cotidiano ganhavam outra dimensão, com maior gravidade do que realmente tinham:

*[...] Ouvimos assobios e gritos. Vimos então uma pobre velha, que insultada por meninos vadios e mal educados, proferia as palavras mais immorales que imaginar se possa.*

*Notamos também o desandar da scena em um meio tão habitado por familias de distinção que continuaram a supportar tamanha falta de moralidade, em suas proprias calçadas.*

*A velha offensora da moralidade publica é uma de nome 'Siri', muito conhecida pela obscenidade de suas palavras.*

*No agrupamento havia desde o estudante ao operário, mas não vimos um só mantedor da ordem<sup>2</sup>.*

Notamos neste pequeno trecho do jornal “Gazeta de Notícias” de 13 de julho de 1927 a presença de das palavras como “imorais”, “ordem” e “moralidade”, esta última aparece duas vezes. Percebemos então o uso de um discurso que utiliza as palavras ordem e moralidade, tentando passar a ideia de que tal atitude seria uma desordem e uma imoralidade, devendo ser evitada. Por traz dos comentários sobre a população estava escondida a intenção de ordená-la, modificando, aos poucos os seus hábitos. Podemos perceber ainda que quem

---

<sup>2</sup>VELHA INCORRIGIVEL. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 8, 13 Jul. 1927.

provocava a desordem era uma “pobre velha” e “meninos vadios e mal educados”. Ou seja, os comportamentos que incomodavam eram realizados por indivíduos pobres. O incômodo, como podemos observar, era causado porque essas pessoas estavam em “um meio tão habitado por famílias de distinção”. Portanto o comportamento das camadas populares incomodavam por serem realizados nos espaços frequentados pelas camadas abastadas da sociedade naquele período, que desejavam uma cidade ordenada.

O seguinte trecho do “Correio do Ceará” de 23 de janeiro de 1928 reclama do costume que alguns indivíduos têm de gritar nas ruas à noite:

*É velho o costume, de às altas horas da noite, grupos de indivíduos, que desconhecem as normas da boa educação, saírem pelas ruas afora em automóveis, a gritar com todas as forças dos pulmões, como si não existissem famílias nas ruas que percorrem.*

*Contra esse clássico abuso urge uma reacção forte e decisiva afim de não ter eliminado os nossos foros de gente civilizada<sup>3</sup>.*

Podemos perceber, então, a inserção dos jornais na tentativa de construir uma cidade idealizada. Cidade esta que deveria ser civilizada, higiênica e ordenada. Para esta construção, o argumento utilizado era o de que se deveria agir de acordo com os padrões e com as convenções a respeito do que seriam considerados “bons costumes”. Acreditamos, então que, de acordo com esse pensamento, a inserção da civilização deveria acontecer com o disciplinamento da população.

De acordo com a perspectiva delineada acima, pensamos os jornais como ferramenta importante utilizada, pelos seus organizadores, como meio disseminar um discurso que buscava promover a ordem na cidade, visto que neles era divulgada a necessidade de se disciplinar os costumes da população, através de suas notícias e da publicação de queixas e de ocorrências policiais. Existia neles uma série de problematizações em torno da cidade e do comportamento dos seus habitantes, tais como a maneira como se deveria comportar nos cinemas e nos bondes, a higiene das ruas, como um homem deveria agir, como uma mulher deveria se portar, como a polícia deveria reprimir as condutas que transgrediam as normas, etc.

---

<sup>3</sup>Chônicas da cidade – Um velho costume. **Correio do Ceará**, Fortaleza p. 5, 23 jan. 1928.

Tania Regina de Luca, ao falar sobre a escrita da história dos, nos e por meio dos periódicos, nos diz que suas considerações apontam para:

*Um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delineia uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica rigorosamente inseridos na crítica competente (LUCA In: PINSKI, 2006: 141).*

Concordando com a sua posição, o presente projeto de pesquisa se encaixa dentro dessa perspectiva metodológica problematizando o objeto de estudo em questão não apenas como mais uma fonte confirmadora de análises já feitas, mas procurando dar conta ao processo que envolveu desde a organização até a leitura do periódico, suas motivações, os significados dos seus discursos, entendendo-os como um instrumento de manipulação de interesses e disseminação de opiniões.

Acreditamos que os jornais “O Nordeste”, “O Ceará” e “Correio do Ceará” e “Gazeta de Notícias”, publicados em Fortaleza no começo do século XX, a partir da divulgação de suas posições, que circulavam em meio a notícias e queixas, se inseriam no contexto da construção de uma cidade civilizada e alinhada com a modernidade, a qual era pretendida pelos grupos que o promoviam. É o podemos perceber neste trecho do jornal “Gazeta de Notícias” de 19 de julho de 1927:

*Um dos hábitos mais afeiantes dos nossos usos domiciliares é, sem duvida, o costume que se observa communmente em Fortaleza de ser despejado á rua o produto dos varrimentos feitos no interior das casas, maximé das salas de visitas. Isto se nota com uma frequênciã de causar pasmo em qualquer trecho de Fortaleza, em casa cujos proprietários são, muitas vezes, pessoas de maior destaque em nossas rodas sociaes. Não há nada que justifique semelhante pratica, integralmente [ilegível] de nossos foros de povo civilizado. [...] No nosso posto cuja missão é justamente corrigir os abusos, não tememos contemporizações: fatos dessa natureza receberão sempre a nossa formal condenação!<sup>4</sup>*

<sup>4</sup>FORTALEZA AS CLARAS – CISCO PARA A RUA. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4. 19 jul. 1927.

De acordo com o próprio jornal, jogar o lixo nas ruas era visto como uma atitude não civilizada, que deveria ser evitada. Era um costume, que deveria ser corrigido, e o próprio jornal dizia que sua missão era corrigir tais condutas, que sempre receberiam sua condenação. Assim como esse hábito, os periódicos condenavam outros, também vistos como não civilizados e como contrários à ordem na cidade, tais como a vadiagem, onde se incluem a prostituição e os jogos de azar, e o consumo de bebidas alcoólicas. Eles demonstravam uma preocupação com o comportamento das pessoas e ditavam como elas deveriam agir. Assim, podem ser vistos como estratégia de inserção da civilização na cidade.

De acordo com Marta Emisia Barbosa:

*Denunciando as imoralidades nas condutas dos indivíduos pobres, publicando queixas da população contra a própria população sobre os maus hábitos que pululam na cidade, os jornais, nas primeiras décadas do séc. XX, constroem uma estratégia, articulando um movimento de ordenação da cidade que se fez de dentro para fora. Ou seja, dos fatos da vida íntima dos indivíduos à sua publicação. Criaram uma cadeia informativa em seus habitantes, que não só informou os fatos para devida publicidade, mas constituiu-se em olhos vigilantes sobre aqueles que transgrediam a regra(M. BARBOSA, op. cit.: 68).*

O que pode ser percebido sobre esses periódicos é que seu discurso estava longe da imparcialidade, pois estes deixavam bastante clara a sua opinião e, em sua maioria, faziam fortes críticas às condutas não civilizadas e tidas como imorais e, por isso consideradas transgressoras. Tinham, então, a função de tentar corrigi-las. Sua linguagem funcionava como um veículo de intervenção social no cotidiano da cidade, como promotora de uma sociedade civilizada. Uma de suas maiores preocupações era a de divulgar e preservar a ordem e os “bons costumes”.

Eles recomendavam aos leitores como deveriam se comportar e, quando alguém agia de forma considerada errada, os periódicos expressavam sua reprovação e até pediam às autoridades responsáveis pela condução da ordem e pelas condutas da sociedade que tomassem alguma providência. Eram usados, tanto pelos seus organizadores como por parte de pessoas insatisfeitas com a situação, como instrumento de ordenamento dos hábitos e dos costumes da população, e de intervenção na vida cotidiana da cidade. Uma arma utilizada para interferir na conduta da população, na intenção de disciplinar seus atos.

Delineamos, aqui, a nossa perspectiva a respeito do nosso objeto de estudo. Surge-nos, diante disso, algumas perguntas às quais pretendemos procurar respostas mais consistentes: que grupos estavam por traz destes discursos e a quem eles eram destinados? Quais as intenções destes grupos na publicação de seus discursos? Que tipo de comportamento era desejado pelos os grupos que produziam os jornais? E que tipo deveria ser evitado? Como se davam as estratégias e práticas discursivas nos jornais para conseguir difundir comportamentos adequados à ordem e à civilização na cidade? Quais valores morais eram impostos a sociedade fortalezense por parte desses grupos?

## **BIBLIOGRAFIA**

BARBOSA, Fco. Carlos J. **A força do hábito: Condutas transgressoras na Fortaleza remodelada (1900 – 1930)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) UFC. Fortaleza, 1997.

BARBOSA, Marta Emisia J. **Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX**. Dissertação (Mestrado em História) PUC. São Paulo, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BRESCIANI, Maria Stela. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. (Org.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer** / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.

FONTENELES NETO, Francisco Linhares. **Vigilância, impunidade e transgressão: faces da atividade policial na capital cearense (1916 – 1930)**.Dissertação (Mestrado em História Social). UFC. Fortaleza, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão... [et. al.]. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, José de Arimatea Vitoriano de. **Tempo moderno conforme a narrativa ou a memória, a crônica, a narrativa, o cotidiano: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). UECE. Fortaleza, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Èpoque – reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda, 1993.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **Humor, vergonha e decoro na cidade de Fortaleza (1850-1890)**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2009.

SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.